



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO  
DA CONJUNTURA

# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

27 de agosto de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 123



## **RIMPAC 2020 E AS DEMONSTRAÇÕES DE FORÇA NO Pacífico**

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

#### DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

#### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

#### CONSELHO EDITORIAL

##### EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

##### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

##### EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)  
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)  
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

##### DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

##### DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

#### PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

##### ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)  
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)  
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)  
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)  
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)  
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

##### AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)  
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)  
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)  
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

##### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)  
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)  
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)  
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)  
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

#### NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

#### CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

#### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)  
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)  
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)  
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

#### EUROPA

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)  
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)  
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)  
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

#### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILLO CUQUEJO (IBMEC)  
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)  
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)  
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)  
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

#### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)  
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)  
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)  
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)  
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)  
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

#### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)  
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)  
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)  
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

#### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)  
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)  
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)  
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

#### SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)  
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)  
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

#### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)  
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

# ÍNDICE

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p>Estados Unidos reforçam isolamento da Venezuela pelo espaço marítimo.....5</p> <p>Bolívia ante um cenário de polarizações crescentes: eleições e a questão do lítio.....6</p> <p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>O uso de aeronaves sub hunters na identificação de submarinos.....6</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>A instabilidade na República Democrática do Congo e o desafio da missão pacificadora brasileira.....7</p> <p><b>EUROPA</b></p> <p>Superioridade operacional do Exército francês em 2030 .....8</p> <p>Interesses geopolíticos no Mediterrâneo.....9</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>O Acordo de Paz entre EAU e Israel é uma novidade? .....10</p> <p>As explosões em Beirute e as consequências para o Líbano.....10</p> <p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>Escalada das tensões em Nagorno-Karabakh.....11</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>Xeque-mate? A Huawei novamente cercada na batalha pelo 5G .....12</p> <p>Em busca da presença efetiva japonesa nas Ilhas Senkaku .....13</p> <p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>Atraso no comissionamento do segundo porta-aviões da Índia.....14</p> <p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>RIMPAC 2020 e as demonstrações de força no Pacífico .....14</p> <p><b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b></p> <p>Estatuto Chileno Antártico: reafirmação da presença chilena na Antártica .....15</p> <p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p>Global Ocean Alliance: um projeto geopolítico para o Atlântico Sul.....16</p> <p>Artigos Selecionados &amp; Notícias de Defesa.....17</p> <p>Calendário Geocorrente.....17</p> <p>Referências.....18</p> <p>Mapa de Riscos.....19</p>
--	---

## 10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

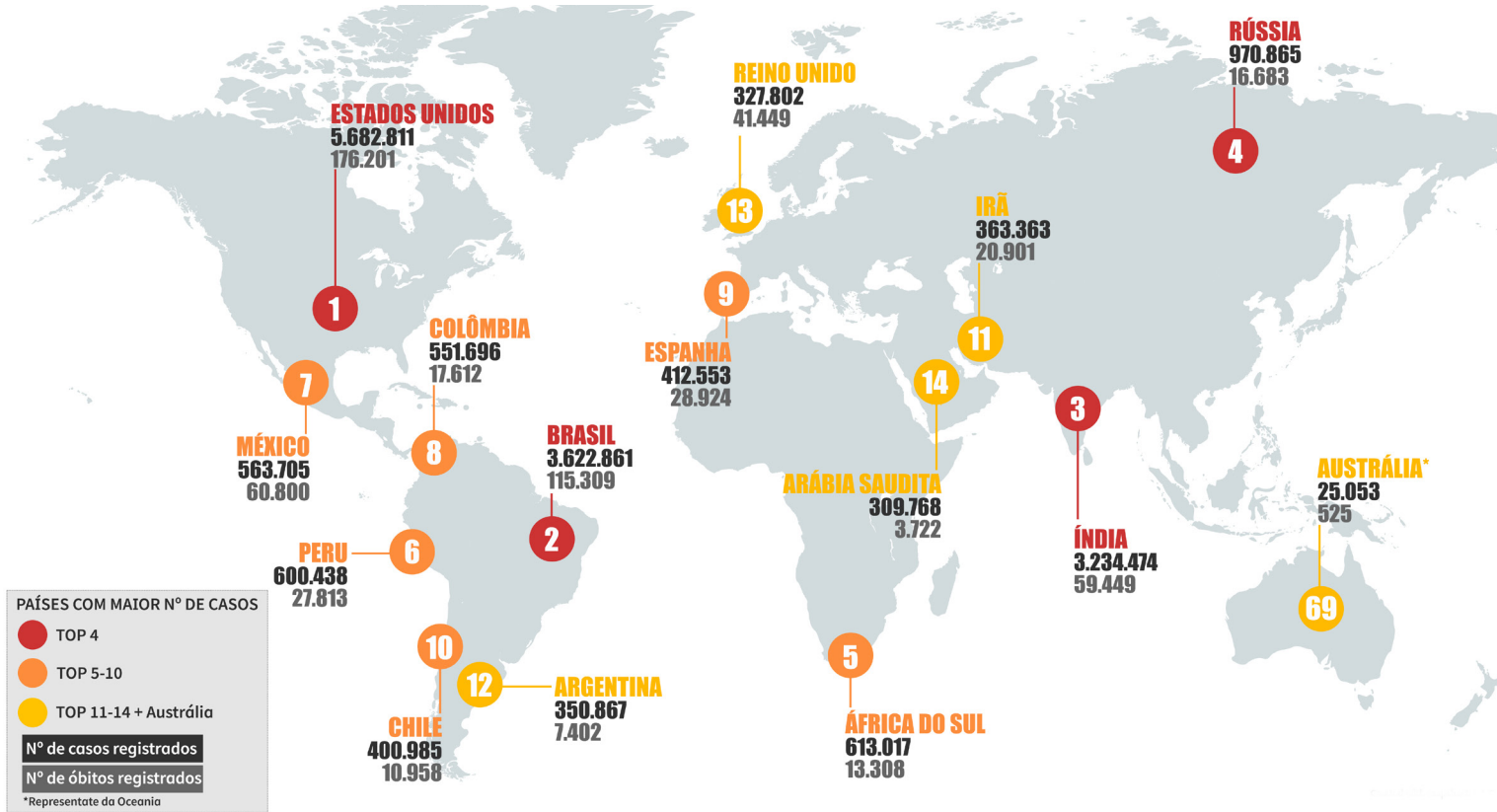


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

# ACOMPANHAMENTO COVID-19

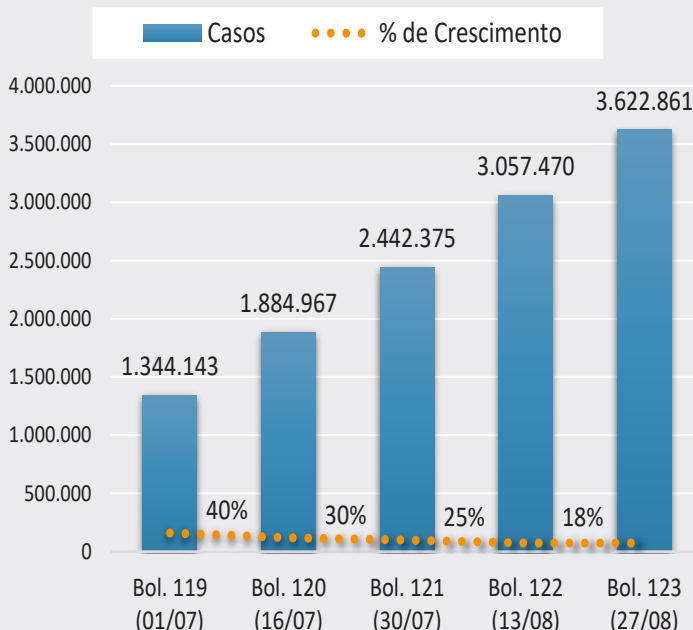
## PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 26 de agosto de 2020.

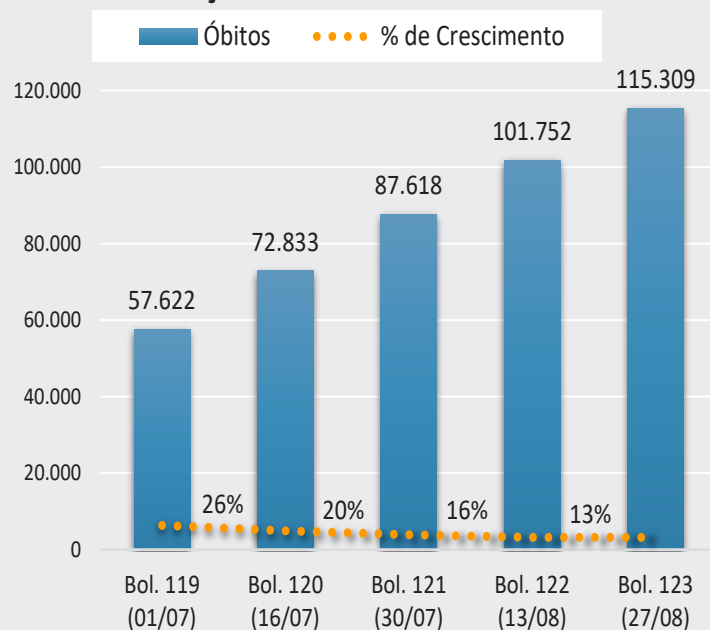


## ACOMPANHAMENTO NO BRASIL

Evolução do Número de Casos



Evolução do Número de Óbitos



Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

## Estados Unidos reforçam isolamento da Venezuela pelo espaço marítimo

Gabriela Nogueira

Em 14 de agosto de 2020, o Departamento da Justiça dos Estados Unidos da América (EUA) anunciou a apreensão de quatro embarcações contendo petróleo iraniano, indo em direção à Venezuela. Os EUA declaram o episódio como o maior confisco de carregamento do Irã, onde aproximadamente 1,1 milhão de barris de petróleo, que teriam como destino o país sul-americano, foram redirecionados para Houston, no Texas.

A medida é parte de uma autorização judicial emitida no dia 02 de julho por um tribunal federal dos EUA. A alegação é que os lucros com a venda do petróleo foram negociados pela Guarda Revolucionária do Irã, listada pelos EUA como organização terrorista estrangeira, apesar de ser um componente oficial das Forças de Segurança do país persa. Contudo, autoridades iranianas negaram a afirmação de que o Irã tenha conexão com as embarcações, pelo carregamento já ter sido vendido. Os navios *Bella*, *Bering*, *Pandi* e *Luna* estão registrados com bandeira liberiana e são de propriedade grega, sendo a carga de origem iraniana. Os petroleiros *Bella* e *Bering* navegavam já em maio, depois da chegada dos navios-tanque do Irã nos portos venezuelanos ([Boletim 118](#)),

mas desistiram devido às ameaças de sanções.

O comércio entre a Venezuela e o Irã acentuou a necessidade dos EUA de desarticularem as Linhas de Comunicação Marítima (LCM) entre os dois países, aumentando sua presença marítima e sanções. Após o evento, em junho, o *USS Nitze*, e em julho, o *USS Pinckney*, geraram tensões entre os países ao realizarem exercícios navais em águas internacionais que são reivindicadas pela Venezuela, como parte da operação antinarcóticos da SOUTHCOM ([Boletim 114](#)).

Além disso, em julho de 2020, o número de embarcações sancionadas ultrapassou 50. A comunidade marítima internacional tem se sentido pressionada. Desde o início das sanções, houve uma diminuição considerável no volume das *port calls* venezuelanas e a saída dos maiores *shippers* do mundo. Em quase 80 anos, a Venezuela teve sua produção petrolífera em queda histórica no primeiro semestre de 2020 e sua exportação nos níveis mais baixos ([Boletim 121](#)). Cabe então acompanhar como as tensões da pressão de Trump e a necessidade de articulação de Maduro vão se desdobrar no espaço marítimo nos próximos meses.



Fonte: NPR

## Bolívia ante um cenário de polarizações crescentes: eleições e a questão do lítio

Pedro Kilson

O processo de estabilização política na Bolívia pós-Evo Morales sofreu uma interrupção em decorrência da COVID-19 no país. A tentativa de inabilitação do *Movimiento al Socialismo* (MAS), uma nova postergação das eleições, de 06 de setembro para 18 de outubro, bem como questionamentos ao parecer da Organização dos Estados Americanos (OEA) nas últimas eleições, representam variáveis desestabilizadoras no cenário político boliviano.

A campanha eleitoral intensificou os atritos internos. Majoritariamente composta por integrantes do MAS, a Assembleia Legislativa processou leis direcionadas à limitação da presidente interina Jeanine Áñez, ao passo que seu governo utilizou decretos executivos para adotar medidas historicamente correspondentes ao Parlamento, como a ingerência na hierarquia das Forças Armadas. Em outra iniciativa polarizadora, inabilitou Luis Arce, candidato pelo MAS. O desgaste do quadro político se aprofundou com a divergência em relação ao adiamento das eleições, por um lado ratificada pelo *Tribunal Electoral*, por outro rechaçada pela oposição. Em 06 de agosto, o governo interino denunciou Evo Morales perante a OEA, alegando a promoção de protestos que

impossibilitariam as estratégias contra a pandemia, podendo gerar repercussões geopolíticas.

No cenário regional, a Bolívia detém 29% dos depósitos mundiais de lítio, embora não explore suas jazidas em escala comercial e, portanto, não dispute o mercado internacional. O consumo do mineral cresceu 18% em 2019, dado que manifesta o desenvolvimento de um processo de transição energética internacional. A indefinição acerca do modelo de exploração do lítio visibiliza o caráter controverso do debate político em torno ao tema: de um lado, ressalta-se o rompimento de um acordo com uma empresa alemã para produção e industrialização do mineral na Bolívia, resultado de forte pressão popular no ano passado. De outro, destaca-se a coexistência hostil entre uma histórica política de resistência ao capital estrangeiro como projeto de Estado e as crescentes transformações na extração e comercialização de minérios, alinhadas a novos paradigmas no setor energético. Os desdobramentos das próximas eleições poderão tanto manter o papel desempenhado pelo país na produção de lítio, quanto reconfigurá-lo por completo, a nível internacional.

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

### O uso de aeronaves sub hunters na identificação de submarinos

Ana Carolina Vaz Farias

Uma das maiores ameaças ao poder naval estadunidense encontra-se debaixo d'água: os submarinos. Por serem difíceis de identificar, amplificam-se as vantagens de ataque dos inimigos, fazendo com que rivais geopolíticos invistam cada vez mais nessas capacidades. De acordo com a *Nuclear Threat Initiative*, até o final de 2019, a China possuía 60 submarinos em sua Marinha, sendo 6 de propulsão nuclear. Para conter essas ameaças, os EUA buscam investir em aeronaves com capacidade de guerra antissubmarino, os *sub hunters*.

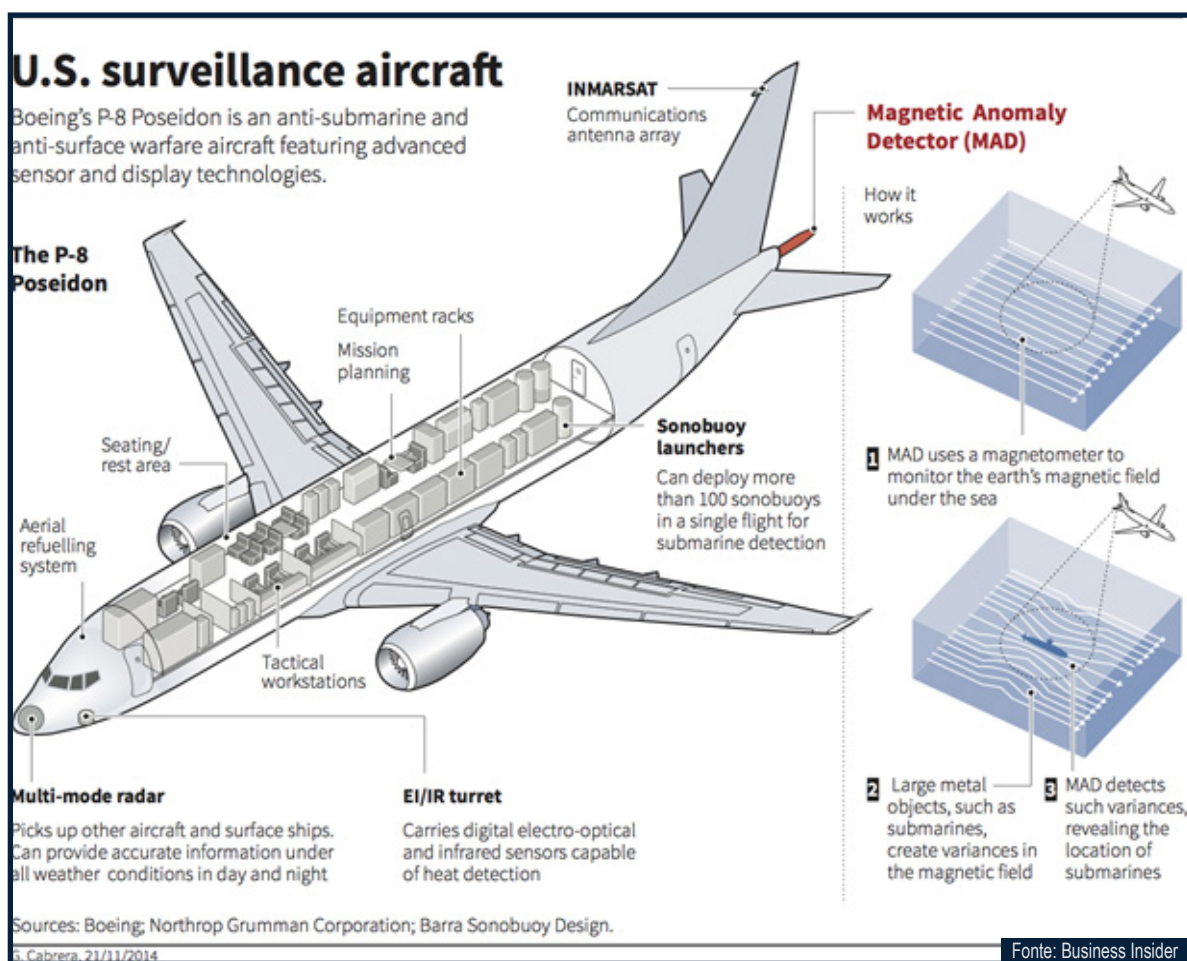
Nesse sentido, de 15 a 17 de junho de 2020, foi conduzido, pelo *Eisenhower Carrier Strike Group*, um exercício de guerra antissubmarino no Mar Árabe, no qual destacou-se a aeronave *P-8A Poseidon*. Produzida pela *Boeing Defense, Space & Security*, é considerado um dos melhores *sub hunters* no mundo. Com a finalidade de encontrar submarinos inimigos, possuem um sistema de sensores, e são equipados com armamentos, que no caso

de um possível ataque, conseguem abater um potencial submarino inimigo de forma autônoma. A aeronave conta com uma tripulação de oito pessoas, sendo dotada de um sonar que, quando lançado na superfície d'água, reporta à *P-8A* a localização do submarino inimigo. Ademais, ressalta-se que a principal função dessas missões é a patrulha e a dissuasão, incrementando a Consciência Situacional Marítima dos Estados Unidos.

Neste ano foi anunciado pela Marinha dos EUA um contrato de US\$ 67,8 milhões com a *Boeing* para integrar novas capacidades e avanços dos sistemas da aeronave *P-8A*, das quais a Marinha pretende adquirir 108 unidades para substituir os 196 *P-3C Orion* ao final de sua vida útil. Além disso, a Marinha também se prepara para aumentar a quantidade de armamentos da aeronave, com o objetivo de expandir o escopo das missões. Um exemplo disso é o emprego dos torpedos *MK 54*, capazes de serem lançados de uma altitude de até >>

30.000 pés, planar e submergir com segurança durante o ataque a submarinos. Em suma, nota-se o investimento tecnológico de países em instrumentos que poderão trazer

vantagens táticas em uma situação de conflito. Logo, é natural que os EUA invistam em medidas e ferramentas, tanto para a dissuasão quanto para a vigilância e ataque.



## ÁFRICA SUBSAARIANA

### A instabilidade na República Democrática do Congo e o desafio da missão pacificadora brasileira

Isadora Jacques

Em 11 de agosto de 2020, autoridades da República Democrática do Congo (RDC) e da Zâmbia reuniram-se a fim de deliberarem as questões acerca do conflito fronteiriço, que ocorreu em março de 2020, em decorrência da ocupação zambiana em províncias do sudeste da RDC. O confronto resultou na perda de um militar de cada parte envolvida e desenrolou-se nas áreas que se destacam pela exploração de cobre e cobalto no país.

Segundo o Ministério de Minas congolezas, esses minérios representam mais de 50% de todas as exportações nacionais, sendo o cobalto a principal matéria prima para insumos tecnológicos. As províncias de Haut-Katanga e Lualaba, que se destacam por possuírem a maior reserva desse mineral no mundo, são os eixos da mineração

industrial no país e também já foram palco de protestos violentos ocorridos em 2019, em função da disputa entre mineradores artesanais e industriais por espaço na exploração dessa riqueza. Os recursos minerais do país despertam a ganância de exploradores, grandes corporações e governantes suspeitos de corrupção, portanto, a instabilidade política e a disputa entre grupos étnicos conferem resistência ao desenvolvimento econômico da região ([Boletim 85](#)).

Atualmente, o Brasil é responsável por comandar as operações e treinamentos da Missão de Estabilização das Nações Unidas na República Democrática do Congo (MONUSCO). Essa posição, que é ocupada por oficiais brasileiros desde maio de 2018, é vista como a oportunidade de reforçar a liderança internacional do país >>>

em uma missão de paz, a fim de recuperar a estabilidade e segurança democrático-congolesa. As características geográficas semelhantes e o caráter não-intervencionista assegurado pela posição do Brasil no cenário mundial são vantagens que reforçam a perspectiva de sucesso desse projeto militar. Ao encarar ativamente conflitos que fragilizam a relação entre o povo e o governo da RDC — que além de gerarem protestos violentos nas zonas de

mineração do país, tornam evidente a disputa territorial nas fronteiras —, a atuação brasileira pode ajudar a traçar o retorno à solidez das instituições econômica e política congoleesas que hoje se encontram vulneráveis. Assim, a postura brasileira poderá garantir que o cobalto, pilar de exportações congolês, conduza o desenvolvimento tecnológico do país.



## EUROPA

### Superioridade operacional do Exército francês em 2030

Thaïs Dedeo

Chefe do Estado-Maior do Exército francês, o General Thierry Burkhard tornou pública sua visão estratégica para a organização por meio do documento *Supériorité Opérationnelle 2030*. Uma conjuntura de incertezas é identificada devido à falta de coesão da sociedade francesa no nível nacional, à ausência de uma visão estratégica comum no nível europeu e ao retorno marcante da força militar (convencional ou não) para a resolução de conflitos no nível internacional. A possibilidade de um conflito de grandes proporções não é descartada. Assim sendo, o conceito de emprego das forças terrestres é redefinido com o objetivo de preparar o Exército francês para os próximos anos e de preservar o status de potência do país.

O novo conceito de uso das forças terrestres se baseia

na integração das Forças Armadas a nível nacional e europeu, e no reforço de suas capacidades no domínio eletromagnético, espacial, tecnologia da informação e cibernético. É mencionada a importância de parcerias industriais estratégicas europeias como o Sistema de Combate Terrestre Franco-Alemão, que visa desenvolver conjuntamente um carro de combate para substituir os *Leopard 2* da Alemanha e o *Leclerc* da França até 2035. Vale ressaltar a atenção dada ao preparo do Exército a operações de alta intensidade por meio de exercícios multinacionais para reforçar a interoperabilidade e melhor preparar a força de reserva, composta atualmente de 24.000 militares. Ademais, em 2024, o *Service National Universel* passará a ser obrigatório para aqueles nascidos a partir de 2008, uma forma de engajamento cidadão >>>



para reforçar a coesão sobre os interesses estratégicos franceses dentro da juventude.

O documento *Supériorité Opérationnelle 2030* nos evidencia uma ambição política da França de promover uma cultura estratégica e de defesa na esfera nacional e europeia. E, principalmente, de possuir uma força terrestre de referência capaz de proteger a integridade do território, inclusive ultramarino, como a Nova Caledônia

e a Polinésia Francesa, expostos à expansão chinesa no Pacífico. Entretanto, as ambições tanto do Exército quanto da Marinha francesa ([Boletim 111](#)) dependem do quanto o orçamento de defesa será afetado pelos efeitos que a pandemia de COVID-19 irá causar na economia francesa, dado que as previsões estimam uma queda de 11% do PIB para o ano de 2020.

## Interesses geopolíticos no Mediterrâneo

No dia 17 de agosto, os presidentes Vladimir Putin (Rússia) e Recep Tayyip Erdogan (Turquia) discutiram ao telefone as crescentes tensões no Mediterrâneo Oriental, além do conflito na Líbia, onde ambos os países apoiam lados opostos (assim como na Síria). Segundo o comunicado oficial, “os dois líderes concordaram sobre a importância do diálogo e cooperação” nestas questões. O comunicado ocorreu poucos dias depois de um pequeno incidente entre a fragata grega *Limnos* e a turca *Kemal Reis*, que acompanhava o navio turco de prospecção *Oruç Reis*, em uma área contestada do Mediterrâneo entre a ilha grega de Creta e o Chipre.

A escalada de tensões no Mediterrâneo Oriental entre Turquia e países europeus, como Grécia e Chipre, não se resume à descoberta de campos de gás e petróleo contestados. Ela se insere em um contexto geopolítico muito mais abrangente, em que a reduzida capacidade de influência militar dos EUA, somada a conflitos desencadeados pela Primavera Árabe em países como Síria e Líbia, deixou um vácuo de poder na área, sendo preenchido, eventualmente, por Rússia e Turquia. Desde o acordo marítimo entre Ancara e Trípoli, e o apoio militar

*Dominique Marques e Melissa Rossi*

da Turquia ao governo oficial da Líbia no início deste ano, Erdogan tem aumentado sua presença estratégica no Mediterrâneo Oriental.

A Rússia também possui fortes interesses em cooperar com países que podem lhe proporcionar acesso a águas quentes uma vez que, desde a Convenção de Montreux de 1936, ficou limitada pelos Estreitos Turcos em atuações de sua Marinha de guerra. Por isso, tem apoiado Bashar al-Assad na Síria, garantindo a permanência de uma posição estratégica na base naval de Tartus e mantido acordos com países como Egito e com o governo em Tobruk, na parte Oriental da Líbia.

A possibilidade de construção do Canal de Istambul, semelhante ao Canal do Panamá, pode alterar as regras internacionais sobre a passagem de navios de guerra entre os mares Negro e Mediterrâneo, pelo que a Turquia teria mais soberania sobre as travessias, de interesse russo. Apesar de ambos apoiarem lados opostos nos conflitos regionais, e além de historicamente serem inimigos, estão atuando como um contraponto ao poder de EUA e União Europeia na região, unindo-se contra a predominância geopolítica ocidental no Mediterrâneo.



## O Acordo de Paz entre EAU e Israel é uma novidade?

André Nunes

No dia 13 de agosto, os Emirados Árabes Unidos (EAU), Israel e os Estados Unidos (EUA) anunciaram um acordo de paz entre as duas nações do Oriente Médio. Tal acordo fez dos EAU o terceiro país árabe a normalizar relações diplomáticas com Israel, depois de Egito, em 1979, e Jordânia, em 1994. O selamento da paz contribuiu para que os israelenses recuassem em seu objetivo de anexar territórios palestinos na Cisjordânia e no Vale do Jordão.

Embora a oficialização de laços diplomáticos entre os dois países seja uma novidade, a existência de relações extraoficiais não o é. Em setembro de 2012, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, reuniu-se informalmente com o Xequê Abdullah Bin Zayed al-Nahyan, ministro das Relações Exteriores dos EAU, em Nova Iorque para discutir questões relacionadas ao programa nuclear iraniano. No mesmo ano, Yousef al-Otaiba, embaixador emiradense nos EUA, demonstrou interesse na performance do sistema de defesa antimísseis *Iron Dome* e chegou a contatar Uzi Rubin, conhecido como o “pai” da defesa de mísseis israelense.

Além de encontros envolvendo autoridades, também já foi reportado que Israel, com mediação dos EAU, teria fornecido armas para o Exército Nacional da Líbia,

comandado por Khalifa Haftar, militar que chegou a combater as forças israelenses na guerra do Yom Kippur, em 1973. Ademais, em março de 2017 as Forças Aéreas de ambos os países participaram do INIOHOS, na Grécia, exercício militar conjunto que também envolveu EUA, Itália e os gregos.

As relações extraoficiais de EAU e Israel ultrapassam a política e o setor militar. Em setembro de 2018, a então ministra da Cultura e dos Esportes israelense, Miri Regev, esteve em visita oficial a Abu Dhabi durante uma competição de judô e, na ocasião, o hino israelense foi entoado pela primeira vez na Península Arábica após um atleta do país conquistar o primeiro lugar. Dias depois, Ayoub Kara, então ministro das Comunicações, participou da 20ª Conferência de Plenipotenciários da União Internacional de Telecomunicações em Dubai ([Boletim 83](#)).

Portanto, diante dos exemplos mencionados sobre relações pré-existentes, sem contabilizar a construção de uma sinagoga em Abu Dhabi, é possível afirmar que o acordo de paz entre EAU e Israel foi um passo natural, embora antes do previsto, já que a solução para a Questão Palestina continua inconclusiva.

## As explosões em Beirute e as consequências para o Líbano

Adel Bakkour e Ana Luiza Colares

Em 04 de agosto, duas explosões ocorreram no porto da cidade de Beirute, capital do Líbano. Mais poderosa, a segunda detonação causou danos em um raio de até 15 km e deixou mais de 171 mortos e 6 mil feridos, além de mais de 300 mil pessoas desabrigadas. O Estado libanês informou que os danos podem chegar a US\$ 15 bilhões e declararam Beirute uma cidade abalada, já que as explosões resultaram na destruição do porto, o mais importante do país, responsável por 60% do comércio libanês.

Desde outubro de 2019, o Líbano enfrenta uma série de protestos em resposta ao crescimento da crise econômica no país. Tais manifestações ocorrem em resposta à corrupção massiva do governo libanês e à influência do partido xiita Hezbollah e seus fortes laços com o Irã na política e economia libanesa. Após a explosão, manifestantes retornaram às ruas e, em 10 de agosto, o primeiro-ministro libanês, Hassan Diab,

sob forte pressão popular divulgou sua renúncia junto aos ministros que compunham seu gabinete. Além da situação já deflagrada no Líbano, economistas preveem que a reconstrução do porto e da área ao redor também danificada pode ter gastos equivalentes a até 25% do PIB do país.

Em âmbito global, foi realizada uma conferência para arrecadar doações para o país, totalizando US\$ 298 milhões para ajuda humanitária direta, com a condição de transparência governamental. Além do auxílio financeiro e logístico que algumas potências estão desempenhando — principalmente a França —, a Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL), comandada pelo Contra-Almirante Sérgio Renato Berna Salgueirinho, da Marinha do Brasil, com auxílio da fragata Independência, tem atuado de modo a minimizar os impactos gerados pelo acidente.

A estabilidade no Líbano é influenciada pelas >>>

dinâmicas fronteiriças do país e interesses externos, para além de sua administração interna. O conflito árabe-israelense, assim como a guerra civil na Síria, são potencializadores de tensões na região que transbordam para o Líbano: atualmente, o país é moradia de refugiados palestinos e sírios, aproximadamente 200 mil e 1,5 milhão, respectivamente.

Desta forma, a instabilidade política e econômica libanesa, somada à conjuntura regional e à recente catástrofe, torna cada vez mais vulnerável a população, que clama por reformas constitucionais, enquanto enfrenta o crescimento de infecções pelo novo coronavírus, após a explosão de Beirute.



## RÚSSIA & Ex-URSS

### Escalada das tensões em Nagorno-Karabakh

No dia 12 de julho, tropas armênias e azeris se enfrentaram no entorno do enclave de Nagorno-Karabakh, no maior atrito desde o incidente conhecido como Guerra dos Quatro Dias, em abril de 2016, que causou centenas de baixas. A região está localizada no território azeri de Karabakh, no entanto, é controlada por armênios, que representam a maior parcela da população. Esse foi o segundo maior embate desde a assinatura do Protocolo de Biskeque, em 1994, que determinou um cessar-fogo após dois anos de guerra aberta, a qual vitimou cerca de 30 mil pessoas.

O conflito na região se estende desde a década de 1990, permanecendo sem uma solução definitiva e com agressões esporádicas desde o cessar-fogo. Moscou, que desfruta de boas relações econômicas com ambos, lidera juntamente com França e EUA o Grupo de Minsk, fórum criado para viabilizar o processo de paz, que, no entanto,

vem se mostrando ineficaz. Um dos mecanismos mais promissores até então foi uma adaptação dos Princípios de Madri (2007), sugerida, em novembro de 2015, pelo ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, prevendo uma série de concessões de ambas as partes a fim de estabelecer um ambiente favorável ao processo de resolução. Dentre elas, constam: o retorno de 5 das 7 regiões adjacentes à Nagorno-Karabakh ao controle azeri; o retorno dos mais de 850 mil deslocados e refugiados azeris a seus lares; e o estabelecimento de uma missão de paz coordenada pela Rússia. Um outro importante ator regional envolvido no conflito é a Turquia, que apoia abertamente Baku, e tem interesse na preservação do Gasoduto do Sul do Cáucaso, que margeia o enclave e é um importante entreposto para o gás que vem do Mar Cáspio, tornando a região mais um palco da disputa geopolítica entre Moscou e Ankara, assim como >>>

*José Gabriel Melo*

na Síria e na Líbia.

Esse embate traz novamente à região os holofotes internacionais, fornecendo um *momentum* propício para uma renovação do ímpeto de se negociar um acordo definitivo. Contudo, para que isso ocorra, é

preciso haver concessões de ambas as partes, além do comprometimento, tanto de Baku quanto de Yerevan, de estabelecer um diálogo construtivo que viabilize uma solução de longo prazo.



## LESTE ASIÁTICO

### Xeque-mate? A Huawei novamente cercada na batalha pelo 5G

Rodrigo Abreu

No dia 17 de agosto de 2020, o Departamento de Comércio dos Estados Unidos emitiu uma emenda que restringe, ainda mais, o acesso da multinacional chinesa *Huawei* a chips de alta tecnologia desenvolvidos ou produzidos a partir de *software* ou tecnologia dos EUA. A restrição já havia sido anunciada em maio deste ano ([Boletim 118](#)), porém a emenda expande ainda mais a aplicação do regulamento, vedando brechas que permitiam que a *Huawei* obtivesse os chips a partir de terceiros.

Fundada em 1987, a *Huawei* é atualmente a maior produtora de equipamentos de telecomunicações do mundo, projetando, desenvolvendo e vendendo equipamentos de telecomunicações e dispositivos *smart*. Durante seus primeiros anos, a empresa atuou apenas na China, obtendo sucesso no fornecimento de equipamentos de telecomunicações para regiões rurais do país. A entrada da *Huawei* no mercado internacional aconteceu no final da década de 1990, entretanto, a primeira conquista

expressiva no âmbito externo veio apenas em 2005, quando a empresa conseguiu um contrato para fornecer roteadores e outros equipamentos de transmissão para a *British Telecom*. O impacto desse contrato foi imediato para a empresa, que viu no mesmo ano a receita gerada por seus contratos estrangeiros excederem a receita de vendas domésticas pela primeira vez.

Atualmente, a *Huawei* opera em 170 países, empregando cerca de 194 mil funcionários, metade destes dedicados ao setor de Pesquisa e Desenvolvimento. No Brasil há 20 anos, a empresa fornece cerca de 45% da infraestrutura da rede 4G no país. Em janeiro deste ano, um relatório da *Brand Finance* apontou a *Huawei* como a 10ª marca mais valiosa do mundo, estimada em cerca de US\$ 65 bilhões (valorização de 4,5% em relação a 2019).

Os Estados Unidos definem a *Huawei* como “potencial ameaça à segurança nacional” desde 2012. Contudo, nos últimos anos, principalmente após o anúncio do desenvolvimento da tecnologia do 5G, a empresa se >>

tornou um dos principais focos da guerra tecnológica entre os Estados Unidos e a China. A *Huawei* é uma das empresas mais avançadas na corrida pelo 5G, ao lado da *Samsung*, da LG, da *Nokia* e da ZTE. Além das sanções econômicas impostas pelos EUA, a empresa foi banida recentemente do Reino Unido e da Austrália.

A nova emenda tem sido analisada como uma

“sentença de morte” para a *Huawei*, que permaneceria sem nenhum acesso às suas principais fornecedoras. Nessa conjuntura, o ministro do comércio chinês anunciou que os dois países concordaram em conduzir negociações comerciais nos próximos dias para impedir o colapso das relações comerciais bilaterais, em mais um capítulo dessa guerra que não parece ter data para acabar.

## Em busca da presença efetiva japonesa nas Ilhas Senkaku

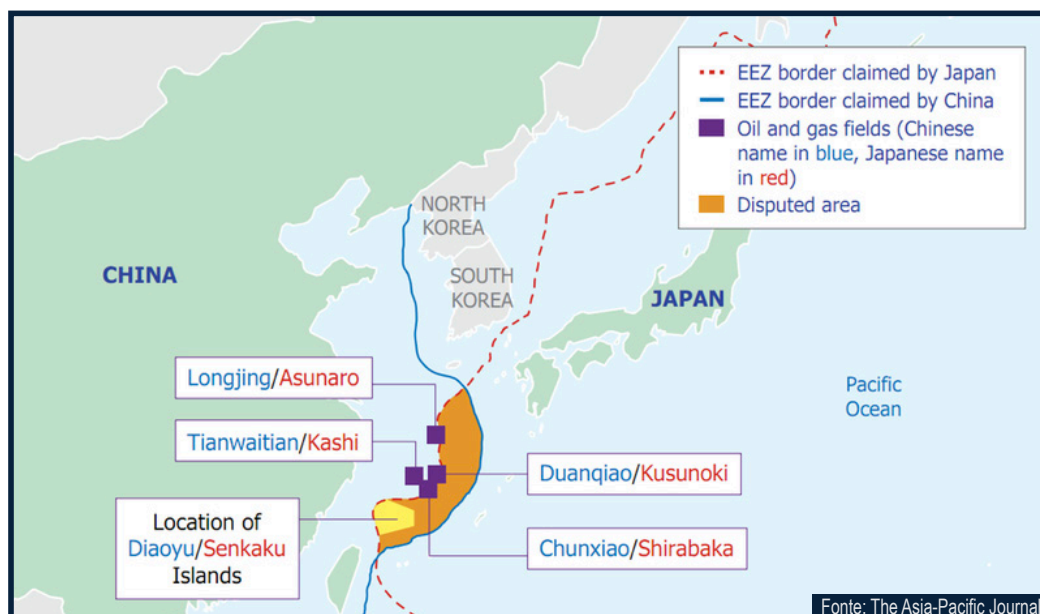
João Pedro Grilo

No dia 17 de agosto, houve a criação e a primeira reunião de um grupo de estudo, formado por sessenta legisladores do reinante Partido Liberal Democrata Japonês, cujo objetivo é formular estratégias para fortalecer o controle nipônico sob as Ilhas Senkaku e as águas que as circundam. A reunião, que contou com a liderança da ex-ministra da Defesa, Tomomi Inada, discutiu o desenvolvimento de leis que obriguem o governo a retomar as missões de pesquisa sobre o ecossistema das ilhas e os recursos marítimos da região, interrompidas desde 1979.

Essas ilhas, reivindicadas por Taiwan e China, estão no centro das recentes tensões entre japoneses e chineses nos últimos meses, devido a recorrente presença de navios sínicos nas proximidades e, algumas vezes, dentro das águas territoriais japonesas durante cento e onze dias consecutivos, o maior período desde a nacionalização das ilhas pelo Japão, em 2012. Ademais, a suspensão de uma lei chinesa, no dia 16 de agosto deste ano, que proibia atividades pesqueiras de seus nacionais nas proximidades das Ilhas tem deixado o governo japonês preocupado, devido a possibilidade do aumento do fluxo de navios pesqueiros e da guarda costeira de seu vizinho

no local.

Apesar da crescente melhora das relações bilaterais entre o Japão e a China desde 2017, que culminaria na visita de Xi Jinping ao país em março de 2020, a maior presença sínica ao redor das ilhas demonstra que suas ambições geopolíticas, relacionadas ao desejo de reaver seu pleno território antes do “século da humilhação” e de explorar as possíveis reservas de petróleo e gás na região, ocupam o topo de sua agenda internacional. Essa situação ainda pode se agravar dependendo das futuras posições de Tóquio sobre o litígio de Hong Kong, tendo em vista o interesse do primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, em liderar a redação de uma declaração sobre a cidade-Estado na próxima reunião do G7, e os crescentes protestos de membros do Parlamento japonês em relação ao tema. Frente a esse cenário, é possível que o Japão, a curto prazo, reforce sua presença militar na região através da atuação conjunta entre as forças de autodefesa e sua guarda costeira, estreite a cooperação com os Estados Unidos e, a longo prazo, aumente sua capacidade de ocupar efetivamente as ilhas e as águas que a circundam.



## Atraso no comissionamento do segundo porta-aviões da Índia

João Miguel Villas-Bôas

Em função dos atuais desdobramentos causados pela pandemia de COVID-19, o segundo porta-aviões indiano (*INS-Vikrant*) teve o seu comissionamento adiado para setembro de 2021. Considerando que o país possui apenas uma embarcação do tipo, o *INS-Vikramaditya*, e a China – considerada principal ameaça geopolítica – ostenta duas e está construindo mais duas, a situação de vulnerabilidade do país indiano tende a aumentar.

Com efeito, é importante salientar que a Índia vem sofrendo atrasos na conclusão de uma série de projetos estratégicos nas três Forças. Um exemplo disso foi a demora na entrega dos primeiros caças de combate *Rafale* ou o atraso nos projetos do carro de combate *Arjun* e dos aviões de ataque nacionais *Tejas*. Há quem argumente que o processo político de aquisição de armamentos é lento e burocrático, graves defeitos que colocam o país em situação de alarme, haja vista sua projeção internacional e seus desafios geopolíticos regionais.

Embora a Índia seja considerada a quarta força militar global, não se pode deixar de frisar que a China está muito à frente do país e conta com diferenciais no processo de avanço do seu poder dissuasório. Pequim

conta com um diferencial facilitador político no que diz respeito à tomada de decisão na aquisição de armamentos, maior efetividade de meios de defesa, além de possuir capacidade consideravelmente maior de financiar suas ambições geopolíticas. Este quadro deveria ser suficiente para transformar a organização político-militar de Nova Délhi, de modo a modernizar os processos político-econômicos que orientam os projetos estratégicos do país.

Como já foi amplamente ilustrado neste mesmo espaço, um caminho para a Índia seria alterar substancialmente sua política de defesa, sobretudo a de ocupação do Índico – principal área de projeção geopolítica do país – se quiser fazer frente à expansão contínua do poder naval chinês na região. Não é razoável à terceira economia global (em paridade de poder de compra) sofrer tamanho constrangimento no que diz respeito ao seu aparelhamento militar, bem como ainda depender fortemente da importação de armamentos, principalmente da Rússia, em função das debilidades de seu complexo industrial-militar.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### RIMPAC 2020 e as demonstrações de força no Pacífico

Thayná Fernandes

Conforme abordado no [Boletim 121](#), no final de julho, a Marinha australiana participou de um exercício conjunto com Estados Unidos e Japão no Mar do Sul da China em deslocamento ao RIMPAC, o maior exercício naval multinacional do mundo, que se iniciou no dia 17 deste mês e irá até o dia 31, em águas havaianas. Apesar de muito criticado, principalmente devido às questões envolvendo a pandemia de COVID-19, Washington optou pela manutenção do treinamento bianual.

Neste ano, houve mudanças: com o tema “Capazes, Adaptáveis, Parceiros”, somente 10 países enviaram navios para fazer parte do evento, 15 a menos do que na edição 2018; ainda, o exercício, que normalmente dura cerca de dois meses, será realizado durante apenas duas semanas. Outra alteração é o foco no treinamento unicamente no mar, como operações de guerra

antissubmarino, operações de interceptação marítima e eventos de lançamentos de armas. Os desembarques anfíbios, operações aéreas e em terra foram cancelados, de modo que os navios atracarão no Havaí, exclusivamente para reabastecer, fazer algum tipo de manutenção e receber suprimentos.

Outra novidade do exercício deste ano é que pela primeira vez uma militar australiana comandará uma das forças-tarefa: a Capitão de Mar e Guerra Phillipa Hay liderará cerca de 2.500 militares em onze navios de diferentes países; antes dela, apenas uma outra mulher estadunidense teve a mesma oportunidade de comando. À primeira vista, tal ação parece certo avanço rumo à equidade de gênero dentro de uma força militar; no entanto, além desse aspecto, essa movimentação sutil demonstra um constante esforço dos Estados Unidos em »

manter a Austrália como seu principal parceiro militar no Pacífico. Cabe lembrar que em maio de 2019, o Departamento de Defesa dos EUA lançou sua estratégia para o Indo-Pacífico, estabelecendo a região como seu teatro de operações prioritário, reiterando sempre a

necessidade de garantir um “Indo-Pacífico livre e aberto”.

Essa queda de braço entre Washington e Pequim parece só aumentar e a Austrália precisa buscar garantir sua segurança sem comprometer suas relações econômicas com seu maior parceiro comercial.

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### Estatuto Chileno Antártico: reafirmação da presença chilena na Antártica

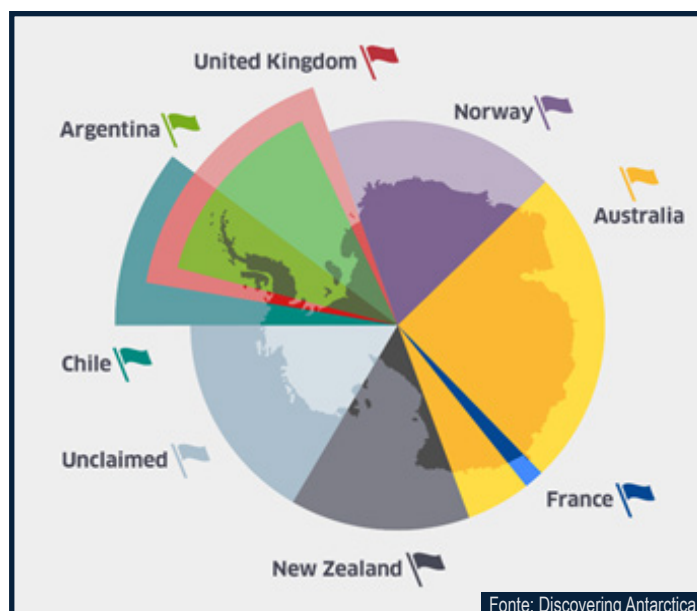
*Gabriele Hernandez*

Um dos sete Estados que reivindicam territórios na Antártica, o Chile deu um novo passo em direção ao continente austral ao aprovar o Estatuto Chileno Antártico no dia 04 de agosto. Promulgado pelo presidente Sebastián Piñera, em cerimônia transmitida ao vivo de Punta Arenas, no dia 21 de agosto, o estatuto moderniza as diretrizes antárticas de acordo com os novos desafios e necessidades que o país encontra em suas pretensões com o sexto continente, de modo a sistematizar e coordenar as normas e instituições que regulam a presença chilena na Antártica, por meio de ferramentas jurídicas e administrativas.

O documento reitera a delimitação de sua área reivindicada em 1940, a qual converge com a área reclamada pela Argentina e pelo Reino Unido na região da Península Antártica. Os dois países são os maiores rivais chilenos na Antártica e possuem uma disputa territorial na região que data do início do século XX, quando o Chile deu início à sua expansão em direção ao continente antártico, no ano de 1906. Argentina e Reino Unido já possuem uma regulamentação própria voltada para seus programas antárticos.

Outro fator de peso é a recente movimentação argentina em relação ao continente. O parlamento argentino aprovou dois projetos de lei reforçando sua soberania sobre as Ilhas Malvinas e o território reivindicado pelo país na Antártica. Com isso, os argentinos demarcaram o limite exterior de sua plataforma continental, o que levou à aceleração dos trâmites para o Chile aprovar o estatuto.

Para Santiago, significa reforçar o embasamento institucional de sua reivindicação Antártica, e preparar para o futuro incerto do Tratado da Antártica a longo prazo. É uma forma de reiterar seu posicionamento como soberano no sexto continente e a imagem de país de peso nas negociações internacionais que dizem respeito à região. Vale ressaltar que o estatuto não influencia os termos do Tratado da Antártica, apenas regulamenta as atividades realizadas pelo país em conformidade com o Sistema do Tratado. A cidade chilena de Punta Arenas é um dos principais pontos de partida para a Antártica, cujo porto e aeroporto são utilizados por diversos países para se deslocarem até o continente, incluindo o Brasil, com quem o país dispõe de frutífera e duradoura cooperação naquele continente.



## Global Ocean Alliance: um projeto geopolítico para o Atlântico Sul

Carlos Silva Júnior, Matheus Mendes e Vivian Mattos

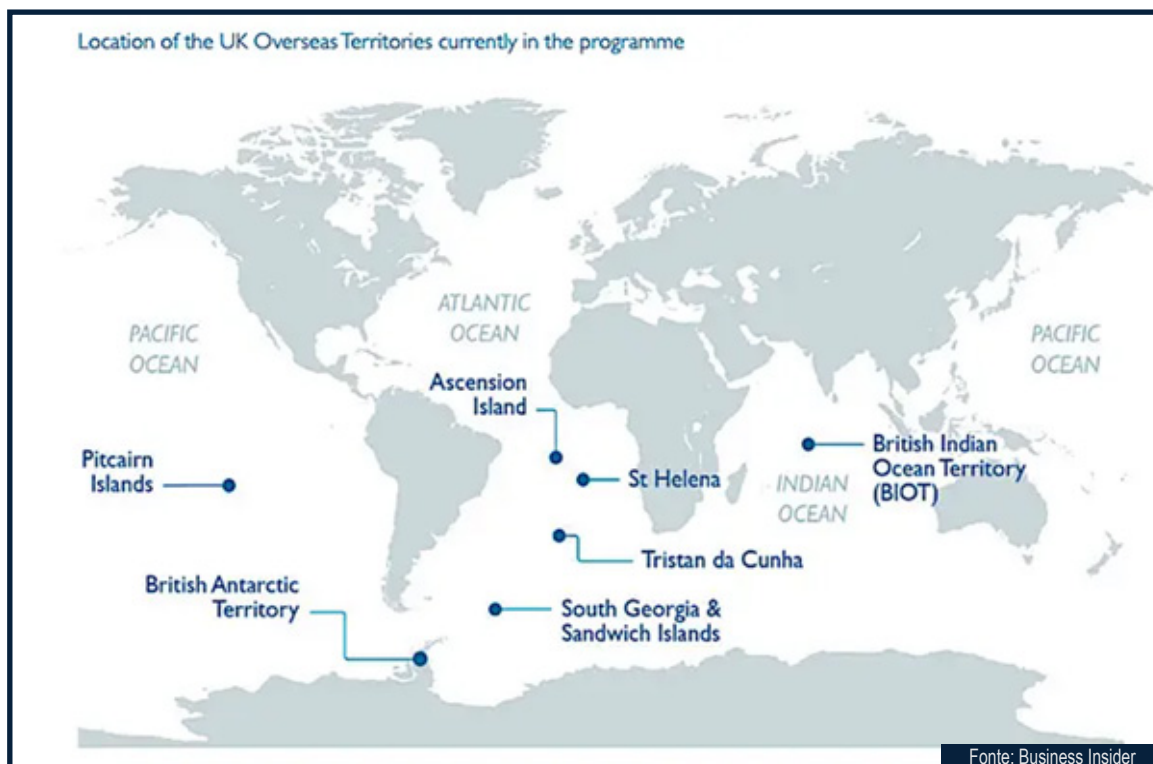
Em 28 de julho e 11 de agosto, respectivamente, Chile e Equador anunciaram o ingresso à *Global Ocean Alliance*. Enquanto o Chile possui um reconhecimento global por sua postura em relação ao ambiente marinho, com 42% da sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE) sob proteção para conservação, o Equador anunciou seu ingresso poucos dias após constatar a presença massiva de embarcações pesqueiras no entorno da sua ZEE continental e insular, nas Ilhas Galápagos.

A *Global Ocean Alliance* foi formalmente criada pelo Reino Unido em setembro de 2019, com o discurso de salvaguardar a vida oceânica marinha. A partir desse posicionamento, outros 25 países já aderiram ao grupo, que promove a proteção das áreas marítimas de todo o planeta. Essa iniciativa soma-se ao programa britânico *Blue Belt*, lançado em 2016, por meio do qual o país insulano destinou 40% de suas águas jurisdicionais como áreas de proteção marítimas, incluindo suas possessões ultramarinas, tais como a Ilha de Ascensão, no Atlântico Sul, não permitindo atividade extrativista pesqueira.

No âmbito regional, o Brasil pleiteia, desde 2001, a criação da *International Whaling Commission* (IWC), um santuário de baleias no Atlântico Sul, em vista de promover a proteção baleeira e dos recursos relacionados à subsistência da espécie. Para esta iniciativa, o país contou com o apoio de países de importância marítima,

como Argentina, África do Sul, Reino Unido e França. Todavia, o Brasil não obteve a adesão total dos países membros da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS, um dos principais fóruns de projeção regional) e da IWC, como Benin, Costa do Marfim, Gana e Senegal. Posicionamentos difusos dos membros da ZOPACAS ao recorrente pleito brasileiro revelam a contradição a dois pilares do fórum: desenvolvimento socioeconômico e proteção ambiental, bem como uma ingerência de atores externos que possuem interesses na região.

A presença britânica em seus territórios ultramarinos visando incrementar seu empreendimento de preservação oceânica global, pode evidenciar divergências de projetos geopolíticos no Atlântico Sul. Para o Reino Unido, a iniciativa de criação de áreas de proteção marítima é relevante, tanto do ponto de vista da diminuição dos custos associados ao constante patrulhamento da região, bem como das atividades econômicas para a exploração de recursos marinhos. Para o Brasil, o Atlântico Sul é um espaço próprio para exercer a geopolítica da conservação ao fortalecer sua influência no seu entorno estratégico, utilizando o santuário de baleias como mais um mecanismo de promoção de seus interesses na região marítima.





- ▶ [South Korea on Top Again](#)  
PROJECT SYNDICATE, Jim O' Neill
- ▶ [Of Belarus, China and Watching a Perfect Game Pitched](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Indian Ocean Region: An Area of Conflicting Maritime Strategies and Power Struggles](#)  
MODERN DIPLOMACY, Aditi Mukhopadhyay
- ▶ [The Coming Russian-Chinese Clash](#)  
THE NATIONAL INTEREST, John Herbst
- ▶ [Britain moves to boost Ukraine's naval chops](#)  
DEFENSE NEWS, Andrew Chuter
- ▶ [In the desert or at sea? Securing Europe's southern flank](#)  
REAL INSTITUTO ELCANO, Sven Biscop
- ▶ [Interview: Challenges and Opportunities of the Northern Sea Route](#)  
THE MARITIME EXECUTIVE, Nadezhda Malysheva
- ▶ [The Next National Security Strategy: A Way Forward to Counter a Resurgent China](#)  
THE STRATEGY BRIDGE, Alexander Boroff e Brigid Calhoun

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### AGOSTO

**28** Rev Al Sharpton marcha em homenagem aos 57 anos do discurso de Luther King

**30** Eleições parlamentares em Montenegro

### SETEMBRO

**08-10** 41ª Assembleia Geral da Assembleia Interparlamentar da ASEAN (Ha Long, Vietnã)

**09-10** Cúpula dos ministros das Relações Exteriores da Organização de Cooperação de Xangai (SCO)

**10** Reunião de ministros das Relações Exteriores dos BRICS

**24-25** Reunião Especial do Conselho Europeu

**15-30** 75ª Assembleia Geral da ONU

- **Estados Unidos reforçam isolamento da Venezuela pelo espaço marítimo**  
[U.S. weighs more sanctions on Venezuela to halt fuel deals: Bloomberg](#). Reuters, 18 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.  
GOODMAN, Joshua. [Report: New players help Maduro evade tanker sanctions](#). AP News, 13 jul. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.
  - **Bolívia ante um cenário de polarizações crescentes: eleições e a questão do lítio**  
MAINSONNAVE, Fabiano. [Declaração de Elon Musk reacende debate sobre lítio na Bolívia](#). Folha de S. Paulo, 12 ago. 2020. Acesso em: 22 ago. 2020  
VERA, Diego. [Tribunal Electoral de Bolívia ratifica nueva fecha de elecciones pese a protestas](#). BioBio Chile, 06 ago. 2020. Acesso em: 08 ago. 2020.
  - **O uso de aeronaves sub hunters na identificação de submarinos**  
PICKRELL, Ryan. [Here's how the US Navy hunts submarines from the air](#). Business Insider, 18 jun. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.  
NICHOLSON, Dylan. [Boeing wins 800 million US Navy P-8A contract](#). Defence Connect, 11 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.
  - **A instabilidade na República Democrática do Congo e o desafio da missão pacificadora brasileira**  
[DR Congo, Zambia Begin Talks To End Deadly Border Row](#). Barron's, 11 ago. 2020. Acesso em: 15 ago. 2020.  
[Mineral Concessions: Avoiding Conflict in DR Congo's Mining Heartland](#). International Crisis Group, 30 jun. 2020. Acesso em: 02 jul. 2020.
  - **Superioridade operacional do Exército francês em 2030**  
MACKENZIE, Christina. [The French Army wants to toughen up, and here's its plan to get there](#). DefenseNews. 19 jun. 2020. Acesso em: 01 ago. 2020.  
REPÚBLICA FRANCESA. [A visão estratégica do Chefe do Estado-Maior do Exército](#). Ministério das Forças Armadas, abr. 2020. Acesso em: 25 ago. 2020.
  - **Interesses geopolíticos no Mediterrâneo**  
[Defusing Tensions in the Eastern Mediterranean](#). Financial Times. Acesso em: 19 ago. 2020.  
ZENDER, Alexy. [Is there a possibility of leaving the Montreux Convention?](#). Beyond the Horizon, 24 fev. 2020. Acesso em: 19 ago. 2020.
  - **O acordo de paz entre EAU e Israel é uma novidade?**  
[Joint statement of US, Israel and UAE](#). The National, 13 ago. 2020. Acesso em: 21 ago. 2020.  
[Israel provided Haftar weapons, UAE mediated](#). Middle East Monitor, 27 jul. 2017. Acesso em: 21 ago. 2020.
  - **As explosões em Beirute e as consequências para o Líbano**  
[Donors pledge 253 million euros in emergency aid for Lebanon after blast](#). CNBC, 10 ago. 2020. Acesso em: 21 ago. 2020.  
[Beirut explosion: Lebanon's government 'to resign' as death toll rises](#). BBC, 10 ago. 2020. Acesso em: 21 ago. 2020.
  - **Escalada das tensões em Nagorno-Karabakh**  
AZIMOV, Aliyar. [Nagorno-Karabakh Conflict In The Caucasus: What Documents Say?](#). Modern Diplomacy, 26 jul. 2020. Acesso em: 09 ago. 2020.  
STRONSKI, Paul. [Behind the Flare-Up Along Armenia-Azerbaijan Border](#). Carnegie Moscow Center, 22 jul. 2020. Acesso em: 01 ago. 2020.
  - **Xeque-mate? A Huawei novamente cercada na batalha pelo 5G**  
KLEIN, Jodi Xu. [US further tightens restrictions on Huawei's access to chips](#). South China Morning Post, 18 ago. 2020. Acesso em: 18 ago. 2020.  
STRUMPF, Dan; KIM, MinJung; WANG, Yifan. [How Huawei Took Over the World: The company's technology touches virtually every corner of the globe, yet it has long faced scrutiny in the U.S.](#) The Wall Street Journal, 25 dez. 2018. Acesso em: 25 ago. 2020.
  - **Em busca da presença efetiva japonesa nas Ilhas Senkaku**  
[Japan ruling party lawmakers form a group to seek stronger control of disputed Senkakus](#). The Japan Times, 17 ago. 2020. Acesso em: 19 jun. 2020.  
ROTH, Antoine; FISCHETTI, Andrea. [The Senkaku/Diaoyu Dispute Makes a Comeback](#). Tokio Review, 20 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.
  - **Atraso no comissionamento do segundo porta-aviões coloca a Índia em situação delicada no Índico**  
GANGULY, Sumit; DAS, Pushan. [Why India's Military Isn't Getting the Weapons It Needs](#). The National Interest, 03 ago. 2020. Acesso em: 25 ago. 2020.  
PANDIT, Raja. [Navy keen on 3rd aircraft carrier to retain edge over China even as 2nd delayed yet again](#). Times of India, 29 jul. 2020. Acesso em: 25 ago. 2020.
  - **RIMPAC 2020 e as demonstrações de força no Pacífico**  
FITZGERALD, Todd. [Commander of Australian Maritime Task Force at RIMPAC makes history](#). Navy Daily, 20 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.  
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Female commander of Australian Maritime Task Force at RIMPAC makes history](#). Relações Públicas do RIMPAC, 19 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.
  - **Estatuto Chileno Antártico: reafirmação da presença chilena na Antártica**  
OSSES, B. [Nuevo Estatuto Chileno Antartico: Cámara aprueba y despacha histórica ley moderniza actual legislación](#). Emol, 04 ago. 2020. Acesso em: 22 ago. 2020.  
URQUIZAR, Pablo. [Las virtudes del nuevo Estatuto Chileno Antártico](#). El Mostrador, 21 ago. 2020. Acesso em: 22 ago. 2020.
  - **Global Ocean Alliance: um projeto geopolítico para o Atlântico Sul**  
MARCONDES, Danilo. [Conservationist geopolitics: Brazilian foreign policy and the South Atlantic Whale Sanctuary](#). Marine Policy, 18 jul. 2020. Acesso em: 07 ago. 2020.  
REINO UNIDO. [UK creates global alliance to help protect the world's ocean](#). Ministério do Ambiente, da Alimentação e dos Assuntos Rurais (DEFRA), 24 set. 2019. Acesso em: 11 ago. 2020.
- CAPA:**  
[NAVIOS NAVEGANDO EM FORMAÇÃO. NA COSTA DO HAVAI. DURANTE O EXERCÍCIO RIMPAC 2020](#). POR: JENNA DOBSON, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO DE MASSA DA US NAVY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

### ► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen's southern separatists withdraw from Riyadh peace deal](#). Al Jazeera, 26 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Hifter's forces rebuff Tripoli's call for cease-fire in Libya war](#). Al Monitor, 24 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Beirut blast: Coronavirus cases surge in Lebanon in aftermath of explosion](#). Middle East Eye, 23 ago 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: ["Nos estamos ayudando", dice Maduro sobre relación de Venezuela con Irán](#). Reuters, 23 ago 2020. Acesso em: 26 ago 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Turkey-Greece tensions escalate over Turkish drilling plans](#). BBC, 25 ago. 2020. Acesso em: 26 ago 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [How the West should respond to Belarus](#). Atlantic Council, 17 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- MALI — Crise política: [What next for Mali?](#) The Economist, 19 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.

### ► MÉDIO RISCO:

- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [South China Sea: Asean states set course for Beijing's red line](#). South China Morning Post, 22 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Syria blackout after suspected pipeline attack](#). Al Jazeera. 24 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: Sophistication of Islamic insurgency threatens LNG plans](#). The African Report, 24 ago. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa: